

Prefácio

Acompanho a trajetória acadêmica de Fernandinho Cruz há vários anos, inicialmente como orientadora de mestrado e, mais recentemente, como orientadora de doutorado e parceira em alguns projetos. Tenho visto, nesse percurso, sua constante inquietação com as questões educacionais, seu dinamismo e vontade genuína de transformar a realidade. Com larga experiência como educador musical, supervisor no Projeto Guri e regente de bandas de música, Fernandinho não se acomoda no que já conquistou, mas está sempre buscando novos caminhos, novas iniciativas e frentes de ação por uma educação mais ampla e justa. Vejo este livro como um passo a mais nessa direção. Extrapolando o conforto de sua situação já consolidada na educação musical, propõe colocar em discussão e dar visibilidade a movimentos e manifestações culturais latino-americanos, tendo a questão da identidade e da diversidade como fios condutores.

A proposta desta obra de reunir textos relacionados a diferentes linguagens artísticas e manifestações culturais na América Latina me leva a refletir sobre um ponto que, embora seja de extrema importância para a arte-educação em geral e para a educação musical em particular, a meu ver tem sido frequentemente negligenciado no meio acadêmico. Essa questão diz respeito justamente ao atrelamento da arte ao mundo da cultura como um todo e, portanto, à vida. Tratada como algo descolado, que paira acima da existência concreta do ser humano, a arte muitas vezes é vista como distante da maioria das pessoas, o que justificaria, por exemplo, seu aprisionamento em museus e salas de concerto. Por outro lado, as manifestações artísticas, em sua diversidade, são uma presença muito forte nos diferentes grupos culturais. Podemos dizer, então, que vivemos o paradoxo de perpetuarmos ainda uma ideia romantizada de arte como algo apartado da existência mundana e vinculado a esferas superiores (mantendo, inclusive, a visão do artista como gênio) e, ao mesmo tempo, organizarmos em sociedades nas quais a arte é uma presença cotidiana forte e acompanha, de um modo ou de outro, a vida das pessoas. Creio que uma das explicações para essa contradição reside no fato de que a própria ideia de arte que circula coletivamente ainda tem como modelo principal, senão único, a arte europeia. Por mais que esse padrão venha sendo questionado há algumas décadas, podemos perceber que os discursos autorizados a falar de arte na nossa sociedade, e não apenas nos veículos acadêmicos, ainda reforçam a superioridade desse tipo de produção simbólica. Entretanto, a despeito da contribuição inegável da arte europeia, não podemos deixar

de apontar o seu distanciamento da vida da maior parte das pessoas e o caráter elitista desses discursos.

Este livro, nesse sentido, pelas várias questões que discute, contribui para uma mudança importante na percepção da arte e, como consequência, da arte-educação, pois destaca, em vários textos, o seu enraizamento cultural. A arte vista como fenômeno humano e mundano; sujeita, portanto, às mesmas condicionantes sociais, políticas e econômicas que qualquer outra produção da cultura. Essa mudança de paradigma, por sua vez, leva a uma ampliação da própria noção do que é considerado arte e a uma valorização de outras manifestações artísticas e culturais, para além das hegemônicas, e que foram e são importantes na construção das localidades. Por fim, mas não menos importante, as discussões aqui postas mostram de maneira inequívoca a força da arte como agente educativa e transformadora. Uma potencialidade, porém, que só se efetiva quando se assume novos paradigmas epistemológicos que permitem a entrada e a valorização de uma pluralidade de manifestações artísticas e de modos de relação com a arte nos espaços institucionais. Do ponto de vista educacional, penso que o reconhecimento da existência dessa pluralidade é um primeiro passo, mas não suficiente. Precisamos efetivamente abrir as portas das escolas para a diversidade não apenas no discurso, mas sobretudo nas práticas.

Espero que outros livros, com o mesmo intuito, sigam-se a este.

Silvia Cordeiro Nassif

Campinas, agosto de 2021.